

O TESTE H-T-P EM ADULTOS COM HABILIDADES ARTÍSTICAS: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS EXPRESSIVOS DA PERSONALIDADE

Ana Cláudia Gomes Freire (IC) e Denise Teixeira Mráz Zapparoli (Orientadora)

Apoio: PIBIC Santander

RESUMO

O Teste H-T-P avalia aspectos expressivos e projetivos da personalidade do indivíduo. Nos desenhos projetivos são projetados as forças e fraquezas da personalidade de seu autor, envolvendo o grau que seus recursos internos podem ser mobilizados para lidar com conflitos psicodinâmicos. Desta forma, o artista projeta em suas obras a maneira como percebe seu meio e as pessoas, e o modo como se sente e posiciona diante delas. O presente estudo teve como objetivo principal perceber como adultos com habilidades artísticas elaboram os desenhos do Teste H-T-P e como essas produções gráficas favorecem a expressão da personalidade desta população. Participaram desta pesquisa sessenta e cinco adultos, de ambos os sexos, com ensino superior completo ou incompleto, que foram submetidos a aplicação do Teste H-T-P na forma acromática. Após as aplicações, os participantes foram divididos entre dois grupos – participantes com habilidades artísticas e sem habilidades artísticas – a partir da avaliação de quatro juízes. Os resultados indicaram que o grupo de indivíduos com habilidades artísticas acrescentam outros elementos em seus desenhos, tornando-os mais detalhados e por vezes com a presença de movimento. Porém, não foi encontrado diferenças significativas entre os grupos. Como a amostra do presente estudo é pequena, foi sugerido novos estudos sobre a temática. Além disso, os resultados apontaram algumas divergências em relação a normatização americana, como detalhes essenciais e sequência da produção dos desenhos. Devido a este fato é sugerido novos estudos de padronização do Teste H-T-P para a população brasileira.

Palavras-chave: Métodos Projetivos Gráficos; Avaliação Psicológica; Habilidades Artísticas

ABSTRACT

The H-T-P Test evaluates expressive and projective aspects of the individual's personality. Projective drawings project the strengths and weaknesses of the author's personality, involving the degree to which their internal resources can be mobilized to deal with psychodynamic conflicts. In this way, the artist projects in his works the way he perceives his environment and the people, and the way he feels and positions himself before them. The present study aimed to understand how adults with artistic skills elaborate the designs of the H-T-P Test and how these graphic productions favor the expression of the personality of this population. Sixty-five

adults of both sexes, with complete or incomplete higher education, who underwent the application of the H-T-P Test in the achromatic form participated in this research. After the applications, the attended were divided into two groups - participants with artistic skills and without artistic skills - from the evaluation of four judges. The results indicated that the group of individuals with artistic skills add other elements to their drawings, making them more detailed and sometimes with the presence of movement. However, no significant differences were found between the groups. As the sample of the present study is small, further studies on the subject were suggested. In addition, the results pointed to some divergences from the American standardization, such as essential details and sequence of the production of the drawings. Due to this fact, further studies on the standardization of the H-T-P test for the Brazilian population are suggested.

Keywords: Graphic Projective Methods; Psychological Assessment; Artistic Skills

1. INTRODUÇÃO

O Teste H-T-P (Casa – Árvore – Pessoa) é um dos testes projetivos mais utilizados em avaliação de personalidade. Esta técnica projetiva tem por objetivo, segundo Van Kolck (apud SILVA; VILLEMOR-AMARAL, 2006), avaliar aspectos projetivos e expressivos da personalidade, considerando a maneira como o indivíduo percebe o mundo, expressa suas vivências emocionais e ideacionais associadas ao desenvolvimento da personalidade. Assim nas produções artísticas, o indivíduo projeta as maneiras como percebe o seu meio, as pessoas e como se sente e se posiciona diante delas.

Segundo Hammer (1991) todo escritor se projeta em suas obras, o que possibilita a análise da personalidade de um autor a partir de seus escritos. Isto se aplica também para pintores, compositores, arquitetos, e qualquer pessoa que produza algo a partir de sua imaginação. Podemos perceber isso, por exemplo, nas obras de Van Gogh. Em suas obras este pintor utiliza cores discordantes, quentes, brilhantes, voláteis imprimindo na tela suas emoções que remetem seu modo de viver que envolvia solidão, loucura e devoção à sua arte.

Outro autor que afirma que todo artista projeta seu mundo interno em suas obras é Freud. A partir das ideias expostas em Totem e Tabu (1912 – 1913), este autor desenvolve a ideia de que o animismo, o pensamento mágico e a onipotência de ideias observáveis no primitivo, na criança e no neurótico são resultados da projeção dos processos psíquicos primários sobre o mundo externo (ANZIEU, 1978).

A partir das ideias desses autores sobre a projeção do mundo interno de artistas sobre suas obras, o presente trabalho se propõe a estudar como adultos com treino em habilidades gráficas elaboram os desenhos do Teste H-T-P. Em havendo poucos estudos sobre esta temática, considera-se de grande importância para a prática clínica e da avaliação psicológica que existam mais estudos preocupados com os aspectos expressivos utilizados nas produções desta população e quais as interferências que estes aspectos acarretariam na análise de testes projetivos como o H-T-P.

O presente estudo tem por objetivo perceber como adultos com habilidades artísticas elaboram os desenhos do Teste H-T-P e, também, se essas produções artísticas favorecem ou não a expressão da sua personalidade. Para isso pretendemos analisar quais aspectos expressivos (tamanho, localização, pressão do lápis no papel, tipo de traçado, detalhes, movimento, simetria, margens e sequência) são utilizados por adultos dotados de habilidades artísticas na elaboração dos desenhos do teste estudado. E, como objetivo secundário, pretende analisar o modo como os elementos trazidos nesses desenhos interferem na análise do teste estudado.

No presente trabalho tomamos como hipótese que os participantes dotados de habilidades artísticas teriam mais recursos técnicos em expressar a sua personalidade através da produção gráfica do que outros sem essas habilidades.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Teste H-T-P foi elaborado a partir de uma escala de inteligência que estava sendo desenvolvida por Buck. Neste processo, o autor observou que os fatores não intelectuais da personalidade eram visíveis nos desenhos, o que o fez transformar o Teste H-T-P em uma rica técnica projetiva. Para isto Buck, como outros autores que utilizam técnicas projetivas, tomou para si as máximas “quando um artista pinta um retrato, pinta a rigor dois, o seu e o do modelo” e “o artista não vê as coisas como elas são, mas como ele é” (HAMMER, 1991).

Inicialmente, o Teste H-T-P foi apresentado como um instrumento para medir o QI de adultos, considerando que para se construir os detalhes dos desenhos é requerida a capacidade de gerar e identificar informação elementar, esta última envolve a função intelectual. Mas algumas pesquisas concluíram que o treino artístico eleva o QI estimado por este teste, não afetando índices de desajustamento da personalidade. Outras pesquisas que relacionaram os desenhos deste instrumento e QI ou síndromes clínicas são inconclusivas e, geralmente, omitiam aspectos essenciais da técnica, como o Inquérito Posterior ao Desenho e a comparação entre os desenhos (BUCK, 2003).

Em Buck (2003) é sugerido o uso do Teste H-T-P no *rapport* durante as entrevistas terapêuticas, pois foi observado que as pessoas respondem mais livremente quando ocupadas com a produção de desenhos, e os itens (casa, árvore e pessoa) propostos estimulam a verbalização do paciente. Buck aponta como utilidade técnica deste instrumento que o indivíduo traga materiais previamente não verbalizados ou não verbalizáveis na experiência partilhada entre o terapeuta e o paciente, permitindo o estabelecimento de uma comunicação em um nível terapêutico significativo. Nas produções gráficas, o indivíduo projeta as forças e fraquezas da sua personalidade, que envolve o grau em que seus recursos internos podem ser mobilizados para lidar com conflitos psicodinâmicos. O Teste H-T-P é um teste projetivo que avalia os processos expressivos dos desenhos, que esclarecem os conflitos profundos projetados nos desenhos, assim podemos afirmar que este teste atinge as camadas mais profundas da personalidade.

O Teste H-T-P possui estruturação mínima e estímulos ambíguos, como outros instrumentos projetivos. Em uma primeira fase, pede-se para desenhar os itens propostos (uma casa, uma árvore e uma pessoa – em alguns casos pede-se também para desenhar uma pessoa do sexo oposto), mas não se restringe ou especifica características de cada desenho (tamanho, idade, condição, entre outros). Para realizar esta tarefa o indivíduo

resgata suas experiências emocionais com casas, árvores e pessoas para construir seus desenhos. É nesse processo de resgate de experiências emocionais que se inicia a projeção. Já na segunda fase do teste é realizado o Inquérito Posterior ao Desenho, onde o indivíduo é estimulado a fazer projeções verbais a partir da observação de suas produções gráficas (BUCK, 2003).

Em cada um destes desenhos o indivíduo projeta características da sua personalidade, como se estivesse fazendo um autorretrato. Considera-se que o desenho da pessoa reflete o ajustamento individual em um nível psicossocial. Já no desenho da árvore é projetado o nível mais inconsciente da personalidade, são os sentimentos intrapsíquicos básicos, mais duradouros e profundos (por esta razão em casos de reteste ocorrem menos mudanças neste desenho), e atitudes em relação a si próprio. É mais difícil o indivíduo tratar o desenho da árvore como um autorretrato, fazendo com que sentimentos mais profundos e menos aceitáveis sejam revelados sem medo de se revelar ou manifestar defensas do ego. O desenho da casa está entre os dois desenhos explicitados acima. Um pior ajustamento pode ser observado quando os três desenhos apresentam indicadores psicopatológicos. O prognóstico pode ser estabelecido a partir do desenho da árvore, já que o primeiro atinge camadas mais básicas da personalidade do que o segundo. Assim, se o desenho da árvore apresentar mais aspectos saudáveis sugere um prognóstico mais positivo do que o desenho da pessoa. Nesses casos, recursos positivos latentes (observados no primeiro desenho) são encobertos pelos efeitos de um transtorno emocional reativo ou induzido por uma situação. Se o desenho da árvore apresenta mais aspectos psicopatológicos sugere um prognóstico mais negativo do que o desenho da pessoa. O indivíduo, nesse caso, pode ter utilizado aspectos expressivos que indicam um ajustamento estável no desenho da pessoa, mas o desenho da árvore pode revelar um potencial subjacente para perda do equilíbrio da personalidade (BUCK, 2003).

Uma determinada característica pode ser expressa no H-T-P de diferentes maneiras, mas quase nenhuma característica desses desenhos possui uma interpretação única. Os detalhes ou combinações de detalhes presentes nos desenhos não possuem um significado fixo ou absoluto. O significado que um indivíduo atribui a um determinado detalhe ou método de apresentação é muitas vezes completamente diferente do significado simbólico normalmente aceito. Os sinais qualitativos no H-T-P têm significância diagnóstica variável, sendo vistos apenas como indicadores. Porém quanto mais indicadores diagnósticos, apontando para algum desajustamento específico, maior será a importância de seu desvio em relação à média, ou seja, maior será a probabilidade da presença de um desajustamento específico (BUCK, 2003).

Assim como nas produções artísticas, ao produzir os desenhos solicitados no Teste H-T-P o indivíduo esboça seu mundo interno na folha em branco. Os sentimentos, atitudes, características comportamentais, forças e fraquezas da personalidade do indivíduo estão impregnados no desenho através dos elementos escolhidos para o compor. Com isso, esse processo se dá de modo inconsciente e o indivíduo tende a se expressar através da linguagem simbólica. Portanto as produções criativas revelam de modo mais direto as necessidades internas do que outras atividades (HAMMER, 1991).

A projeção pode ser definida como o dinamismo psicológico que permite o indivíduo atribuir qualidades, sentimentos, atitudes e anseios próprios aos objetos do ambiente. Este conteúdo projetivo nem sempre é reconhecido pelo o indivíduo como parte dele próprio. Este conceito é mais amplo do que o inicialmente proposto por Freud, no qual ele define que o conteúdo da projeção é sempre recalcado e sua função é tornar o indivíduo capaz de lidar com um perigo externo (HAMMER, 1991).

Para Freud, a projeção é um processo psíquico primário. Esses processos obedecem ao princípio do prazer, o aparelho psíquico busca reencontrar o mesmo objeto ao qual sua satisfação se associara uma vez, visando instaurar a identidade das percepções. A essência da projeção para este autor é o deslocamento. Na projeção o indivíduo conserva o conteúdo do sentimento inconsciente, deslocando o objeto deste sentimento. Outro fundamento da projeção é a característica do inconsciente de se expressar para fora sobre os seres humanos e as coisas. Freud cita a projeção em dois momentos distintos da sua obra. Em um primeiro momento o autor afirma que a projeção é a expulsão de um desejo intolerável à consciência, fazendo com que o indivíduo desloque esse sentimento para o outro (é a projeção daquilo que não se quer ser). Um exemplo deste mecanismo de defesa é o comentário de Freud sobre um caso de paranoia na autobiografia do presidente Schreber (1911). Schreber amava outro homem, mas este desejo era intolerável na sua consciência, fazendo com que ele passasse a ter o sentimento oposto (ódio) pelo outro. Mas como este sentimento é muito hostil à consciência, Schreber também não o suporta e o projeta no amado, tornando este sentimento como do outro. Isto fez com que ele passasse a viver este sentimento como “Eu não o amo, eu o odeio porque ele me persegue”. Em um segundo momento de sua obra, Freud descreve a projeção como o desconhecimento de desejos e emoções que o indivíduo não aceita como próprios, dos quais é parcialmente inconsciente, atribuindo a existência destas emoções à realidade externa. Esta última definição, é exemplificada pelo autor com a superstição: o supersticioso projeta no mundo externo uma motivação que procura no seu mundo interno, depois interpreta um acontecimento ao acaso, reduzindo isto a uma ideia. Isto ocorre porque o supersticioso desconhece as motivações sobre suas próprias ações acidentais, fazendo com que ele desloque suas motivações para o mundo exterior (ANZIEU, 1978).

Posteriormente, Ombredane (1952) definiu três formas de projeção presentes nos testes projetivos, a saber: especular, catártica e complementar. A origem da projeção especular está no estágio do espelho, em que o indivíduo não tem distinção da imagem de si e da imagem do outro. Nesta forma de projeção, o indivíduo reencontra características, que deseja serem suas, na imagem do outro, podendo processar de duas formas: no modo optativo ou no modo indicativo. O primeiro podemos observar quando, em um teste projetivo, um órfão que tem um cuidador mal-humorado e pouco afetuoso cria uma narrativa com uma mãe afetuosa e atenciosa com seus filhos. Já a projeção especular indicativa pode ser observado, por exemplo, quando uma pessoa com limitações físicas desenha uma pessoa com o corpo atrofiado (ANZIEU, 1978).

Na projeção catártica, o indivíduo projeta no outro características que não aceita como suas e das quais deseja se livrar. Esta forma de projeção seria um mecanismo de defesa proposto por Freud e pode ser exemplificado no comentário do mesmo sobre o caso de Schreber, citado anteriormente (ANZIEU, 1978).

A última forma de projeção sugerida por Ombredane é a projeção complementar, onde o indivíduo atribui ao outro sentimentos e atitudes que justificam as suas ações. Por exemplo, um jovem delinquente descreve as pessoas como severas e injustas, justificando o seu sentimento de revolta. Esta forma de projeção se expressa nos dois modos, indicativo e optativo (ANZIEU, 1978).

A imagem corporal é projetada nos desenhos, tanto os aspectos físicos como os aspectos psicológicos. Assim, por exemplo, pessoas obesas tenderão a fazer desenhos maiores e mais largos do que pessoas com um peso normal. Como exemplo de características psicológicas projetadas nos desenhos temos o reforçamento de partes do corpo usadas para ações agressivas (como braços e mãos), ênfase nos olhos, o que podem propor que o autor do desenho seja agressivo. Portanto, podemos afirmar que o indivíduo projeta o que vê e, seus sentimentos em seus desenhos através da pressão no papel, tamanho, localização e conteúdo do desenho, entre muitos outros aspectos (HAMMER, 1991).

Como dito anteriormente, os artistas também projetam seus sentimentos, desejos e imagem corporal em suas obras, mas nem sempre é projetado o que o artista realmente é. O pintor pode representar, também, a realização de seu desejo. Como o autorretrato de Botticelli, em que ele se representa com um aspecto belo e digno, quando na realidade era fisicamente delicado e pouco desenvolvido. Assim, em sua obra, Botticelli projetou a realização de seu desejo de ser considerado fisicamente mais forte e belo (HAMMER, 1991).

Hammer (1991) considera que o treino das habilidades artísticas favorece a expressão livre e, portanto, tende a favorecer a capacidade de expressão gráfica nos meios projetivos.

O autor equipara o treino artístico com o estilo de caligrafia Palmer, usado muitas vezes nos primeiros anos de escolarização. Ao deixar de aplicar este modelo de caligrafia, rapidamente, os alunos passam a ter caligrafias muito diferentes umas das outras. A caligrafia dos alunos, assim como os desenhos de indivíduos que passaram por um treino artístico, passa a ter uma expressão mais livre do que anteriormente, de acordo com a personalidade de cada um.

3. METODOLOGIA

Como se trata de um estudo com seres humanos, o presente trabalho foi submetido a avaliação do Comitê de Ética da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Este procedimento ocorreu antes da divulgação da pesquisa e coleta de dados para que o Comitê de Ética (CEP) analisasse e avaliasse os procedimentos metodológicos propostos por este estudo objetivando a proteção do participante, assegurando que os procedimentos e instrumentos utilizados pelo pesquisador expõem o participante a riscos mínimos. A pesquisa tramitou pelo CEP através da Plataforma Brasil, tendo seu parecer aprovado.

Participaram do estudo sessenta e cinco voluntários, adultos, de ambos os sexos, com ensino superior completo ou incompleto, compondo uma amostra por conveniência. A participação foi voluntária e não remunerada. Após as aplicações, as produções foram analisadas por quatro juízes de diferentes áreas do conhecimento, a saber um artista plástico, uma educadora física e duas psicólogas com prática docente e clínica do Teste H-T-P (sendo uma a orientadora do presente trabalho). A partir da análise dos desenhos por estes juízes os desenhos foram divididos em dois grupos: Grupo A – indivíduos com habilidades artísticas; e Grupo B – indivíduos sem habilidades artísticas.

Após aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP o pesquisador iniciou a divulgação da pesquisa em grupos das redes sociais e pessoalmente pelo próprio pesquisador. As coletas de dados foram realizadas no local de melhor conveniência para o colaborador desde que mantidos os critérios para uma boa aplicação, ou seja, ambiente confortável com mobiliário adequado, boa iluminação e ventilação, silencioso e sem interrupção.

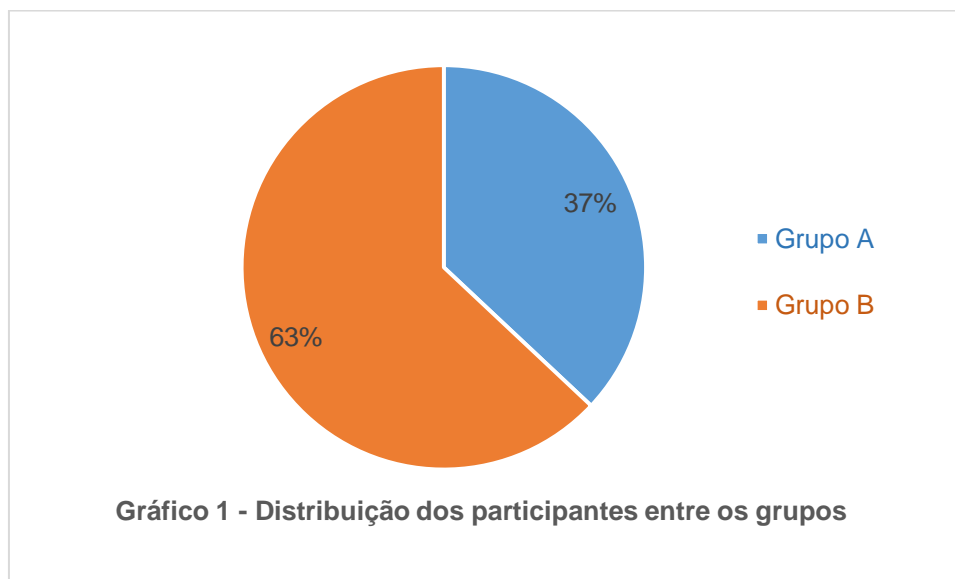
Inicialmente o pesquisador explicou todas as informações sobre o estudo ao participante, sendo então solicitado que este lesse e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, foi levantado dados de informações gerais do voluntário, tais como idade cronológica, profissão, escolaridade, constituição familiar, e questionado se havia feito algum curso de desenho. Esses dados foram mantidos em sigilo, e para tanto foi criado um número de identificação para cada participante. Após coletados os dados gerais, o participante foi submetido a aplicação do Teste H-T-P (Casa – Árvore – Pessoa), em que foi solicitado que elaborasse três desenhos na forma acromática: de uma casa, uma árvore e uma pessoa. Em casos em que o participante desenhou apenas um rosto no desenho da

pessoa foi solicitado um novo desenho de uma pessoa de corpo inteiro, este último foi considerado na sua análise. Este teste foi realizado na forma acromática e foi aplicado o inquérito apenas com relação a elementos ambíguos presentes nos desenhos por ser mais indicado para a pesquisa devido ao tempo ser reduzido. Os procedimentos que os participantes foram submetidos ofereceram riscos mínimos, e em caso onde houve necessidade de um suporte emocional e/ou alguma demanda para atendimento mais específico o colaborador foi encaminhado para a professora orientadora deste trabalho.

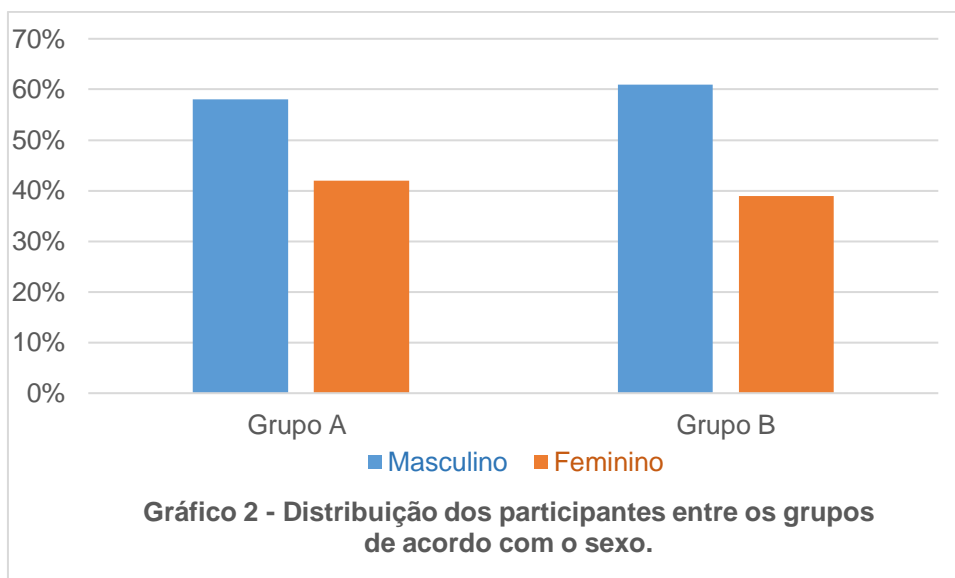
A análise de dados foi realizada a partir dos aspectos expressivos (tamanho, localização, pressão do lápis no papel, tipo de traçado, detalhes, simetria, sequência, movimento e margens) e aspectos de conteúdo encontrados nos desenhos dos participantes.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

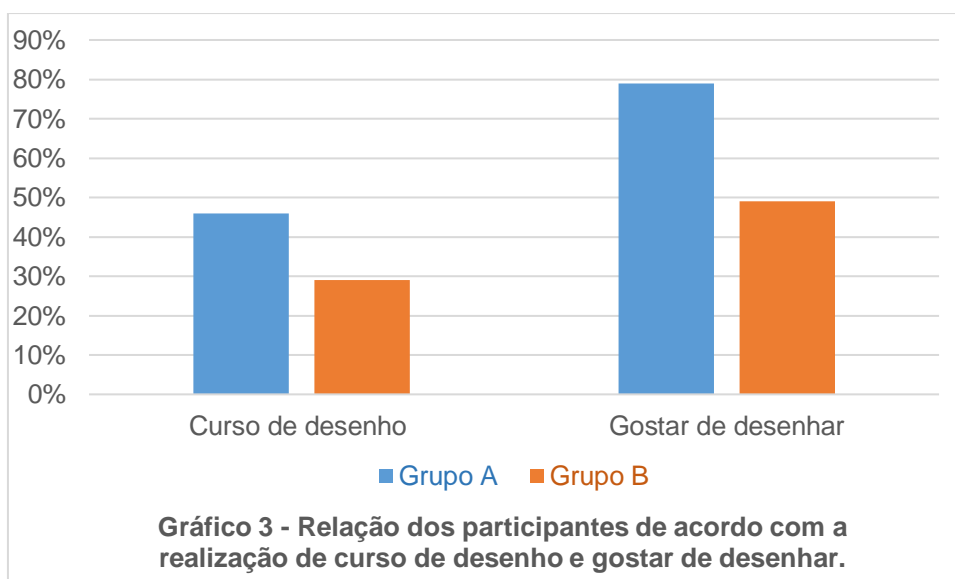
Dentre os participantes deste estudo, a média da faixa etária foi de 22,7 anos de idade. O Grupo A foi composto por 37% da amostra, enquanto o Grupo B foi formado por 63% do total de participantes. Estes resultados estão apresentados no Gráfico 1.



O Grupo A foi composto por 58% indivíduos do sexo masculino e 42% do sexo feminino. Já o Grupo B possuiu 61% de seus participantes homens e 39% mulheres. Assim, não se constatou diferença significativa quanto ao gênero entre os grupos, como pode ser observado no Gráfico 2.



O Gráfico 3 mostra a quantidade de colaboradores que afirmaram ter feito algum curso de desenho e gostar de desenhar. No Grupo A 46% dos colaboradores afirmaram ter feito algum curso de desenho e 79% relataram gostar de desenhar, enquanto no Grupo B apenas 29% dos participantes fizeram algum curso de desenho e 49% declararam gostar de desenhar.



A seguir serão expostos os principais resultados de cada desenho do Teste H-T-P (casa, árvore e pessoa). Em seguida, serão apresentados os aspectos expressivos comuns entre os desenhos e entre os grupos. E por fim, serão comentados os detalhes essenciais de cada produção do presente trabalho em relação a padronização americana proposta por Buck (2003). Ainda não existe estudo sobre a normatização brasileira para o Teste H-T-P.

4.1 Desenho da Casa

Ambos os grupos iniciaram predominantemente o desenho da casa pelas paredes (54% do Grupo A, e 63% do Grupo B). Em geral, as produções gráficas do Grupo A apresentaram tamanho médio, pressão sobre o papel forte (considerado como dado não relevante), com traçado do tipo longo e contínuo, com orientação de frente em relação ao observador, presença de linha de solo, e centralizada na folha de papel. Estes desenhos não possuíam simetria, transparência, rotação da folha de papel, além de respeitarem as margens. Em relação aos detalhes, 50% dos participantes realizaram desenhos com excesso de detalhes, e a outra metade com poucos detalhes (considerado como dado não relevante). Ademais 50% dos desenhos apresentaram movimento. Quanto aos aspectos de conteúdo, estas produções apresentaram telhado com telhas muito trabalhadas e representação de sótão, paredes firmes e sólidas, porta fechada, e janelas com vidraça ou cortina. Os desenhos da casa do Grupo A não possuíam caminho (54%), cerca (79%), chaminé (92%), fumaça (96%) e representação de um segundo andar (58%). Além destes dados é interessante apontar que 25% dos desenhos representaram um telhado avarandado, e 50% das paredes foram representadas como reforçadas. Quanto as portas, 50% possuíam o batente reforçado e 25% apresentaram elementos na porta (como campainha, luminárias, olho mágico ou grades). Ademais metade dos participantes do Grupo A desenharam as janelas com vidraças abertas.

Nos Grupo B predominaram desenhos da casa com tamanho médio, pressão forte, traçado do tipo avanços e recuos, poucos detalhes e presença de linha de solo. A maioria dos desenhos estavam localizados no centro da folha e com orientação de frente em relação ao observador. Os desenhos deste grupo não apresentaram movimento, simetria, rotação da folha e transparência. Além disso, estes participantes respeitaram as margens da folha de papel. Com relação a análise de conteúdo, nas produções gráficas do Grupo B houve o predomínio de telhados pequenos e sem telhas, paredes firmes e sólidas, portas fechadas, e janelas com vidraça ou cortina. Estes desenhos também não continham caminho, cerca, chaminé, fumaça e o segundo andar da casa.

4.2 Desenho da Árvore

O desenho da árvore foi iniciado por ambos os grupos, predominantemente, a partir do tronco (67% do Grupo A, e 63% do Grupo B). Os participantes do Grupo A, em geral, representaram uma árvore de tamanho médio, simétrica, com traçado longo e contínuo, poucos detalhes, com a presença de linha de solo e respeitaram as margens da folha de papel. Quanto a pressão sobre o papel as produções gráficas deste grupo variaram entre forte e muito forte. Os desenhos da árvore destes participantes não apresentavam movimento, rotação da folha e transparência. A relação dos desenhos com o observador teve orientação de frente. Com respeito aos aspectos de conteúdo, observou-se o predomínio de árvores com

raízes sobre o solo, com tronco forte, muitos galhos, e copa pequena e que se expande para cima. Estas produções apresentaram sulcos, mas não houve a representação de buracos no tronco, nódoas, frutos, folhas e flores.

Com relação ao Grupo B, a maioria dos participantes desenharam árvores de tamanho grande, com pressão sobre o papel forte, traçado do tipo longo e contínuo, com poucos detalhes e linha de solo, além de centralizado na folha de papel. As produções gráficas deste grupo não apresentaram movimento, simetria, rotação da folha e transparência. A maioria dos colaboradores deste grupo utilizaram a orientação de frente em relação ao observador, e respeitaram as margens. Quanto aos aspectos de conteúdo, os desenhos deste grupo não apresentaram raízes, buracos no tronco, nódoas, frutos, folhas e flores. As árvores foram representadas por tronco forte e com sulcos, muitos galhos, e copa pequena, achatada e centrípeta.

4.3 Desenho da Pessoa

O desenho da pessoa foi iniciado, em ambos os grupos, predominantemente pela cabeça (67% do Grupo A, e 63% do Grupo B). No Grupo A predominou desenhos de tamanho médio, com pressão sobre o papel forte, traçado do tipo avanços e recuos, com poucos detalhes, simétricos, centralizados e respeitando as margens. Estas produções gráficas utilizaram a orientação de frente em relação ao observador. Estes desenhos não apresentaram movimento, transparência, linha de solo e rotação da folha. Sobre os aspectos de conteúdo foi observado que a maioria dos participantes com habilidades artísticas desenhou a cabeça proporcional ao corpo, boca em arco de cupido, olhos trabalhados, sobrancelhas finas, nariz pontudo, cabelos longos e bem desenhados. Na maioria dos desenhos não houve a presença de orelhas. Além disso, prevaleceu neste grupo a presença de pescoço com gola ou gravata, ombros e tronco arredondados, cintura fina ou com um traço, braços curtos, mãos para trás ou nos bolsos. Também houve desenhos da pessoa com os braços para trás (29,2%), mãos pequenas (25%) e dedos imprecisos (12,5%). Referente as pernas e os pés, a maioria dos participantes os representaram proporcional ao corpo. Em geral, os desenhos trataram de figuras humanas do mesmo gênero do participante (75%), e 91,7% dos desenhos estavam de frente para o observador. A maioria dos participantes desenhou pessoas vestidas (91,7%), ocorrendo apenas um caso de nu assexuado e outro com ausência de roupas.

No Grupo B, em geral, o desenho da pessoa foi caracterizado por tamanho médio, pressão sobre o papel forte, traçado do tipo avanços e recuos, com poucos detalhes, simétricos, respeitando as margens, localizados no centro da folha e orientados de frente em relação ao observador. Estes desenhos não possuíam transparência, linha de solo, rotação

da folha e movimento. Referente a análise de conteúdo, os desenhos da pessoa feitos pelos participantes sem habilidades artísticas apresentaram cabeça grande, boca côncava, olhos trabalhados, sobrancelhas finas, nariz pontudo e cabelos bem ordenados. A maioria dos desenhos não possuíam orelhas, porém 39% dos participantes desenharam orelhas pequenas. Neste grupo, também, houve o predomínio da representação de pescoço com gola ou gravata, ombros e troncos arredondados, cintura fina ou com um traço, braços curtos, mãos pequenas com dedos arredondados, pernas curtas e pés pequenos. Evidenciou-se o gênero da figura humana igual ao do colaborador (73,2%) e na posição de frente (95,1%). Em geral, os participantes do Grupo B desenharam a pessoa com roupas e acessórios (97,6%), ocorrendo apenas um caso de nu sexuado.

4.4 Aspectos Expressivos Comuns

No presente trabalho foram analisados os aspectos expressivos comuns entre os grupos nos três desenhos solicitados e, também, os aspectos comuns entre os desenhos de cada grupo. Desta forma constatou-se que no Grupo A as três produções gráficas solicitadas, em geral, apresentaram tamanho médio, localização no centro da folha, ausência de rotação da folha, respeitaram as margens, não possuíam transparência, e utilizaram orientação de frente em relação ao observador. A pressão sobre o papel foi predominantemente forte nos desenhos da casa e da pessoa, mas foi muito forte no desenho da árvore. Outro aspecto expressivo que variou entre os desenhos deste grupo foi a simetria, ausente apenas no desenho da casa. Com relação aos detalhes, todos os desenhos continham poucos detalhes (considerado dado não relevante), mas no desenho da casa 50% dos participantes apresentaram um excesso de detalhes em sua produção gráfica. Um fato semelhante ocorreu com o aspecto expressivo movimento, que em todos os desenhos houve o predomínio de produções com ausência de movimento, porém no desenho da casa 50% das produções tinham a presença deste aspecto expressivo.

O tipo de traçado também variou entre os desenhos do Grupo A, sendo que na casa e na árvore foi usado o traço longo e contínuo, já no desenho da pessoa a maioria dos participantes com habilidades artísticas utilizaram o traçado do tipo avanços e recuos. Apenas o desenho da pessoa não apresentava linha de solo neste grupo. Com relação a estes dados se presume que tenha relação com o fato de o desenho da pessoa mobilizar mais o indivíduo, pois trata de uma expressão direta de si mesmo.

Já no Grupo B notou-se o predomínio de uma pressão forte sobre o papel, ausência de movimento e de rotação da folha, poucos detalhes, localização no centro da folha, respeito as margens, ausência de transparência, e orientação de frente em relação ao observador. Nos desenhos da casa e da pessoa foi observado a prevalência do tamanho médio, já no

desenho da árvore houve mais produções no tamanho grande. Também houve uma diferença em relação ao tipo de traçado, no desenho da árvore foi utilizado o traçado do tipo longo e contínuo, enquanto nos demais desenhos foi usado o traço do tipo avanços e recuos. O aspecto expressivo simetria esteve presente apenas no desenho da pessoa. Além disso, a ausência de linha de solo foi encontrada apenas no desenho da pessoa.

Ao analisar os aspectos expressivos entre os dois grupos encontramos poucas divergências. No desenho da casa houve diferença no tipo de traçado, sendo que no Grupo A há o predomínio de traços longos e contínuos, e no Grupo B traços do tipo avanços e recuos. Em relação aos detalhes e movimento há uma convergência entre os grupos, em geral, ambos apresentaram o desenho da casa com ausência destes aspectos expressivos. Porém, metade dos participantes com habilidades artísticas desenharam uma casa com excesso de detalhes e presença de movimento.

No desenho da árvore houve divergência quanto aos aspectos tamanho e simetria. No Grupo A prevaleceu desenhos simétricos e de tamanho médio, enquanto os participantes sem habilidades artísticas realizaram mais produções gráficas sem simetria e de tamanho grande. Notou-se, também, o predomínio da pressão forte no desenho da árvore em ambos os grupos, porém no Grupo A foi encontrado a mesma quantidade de desenhos com pressão muito forte e forte (45,8%). No desenho da pessoa não houve diferenças de aspectos expressivos entre os grupos.

4.5 Detalhes Essenciais

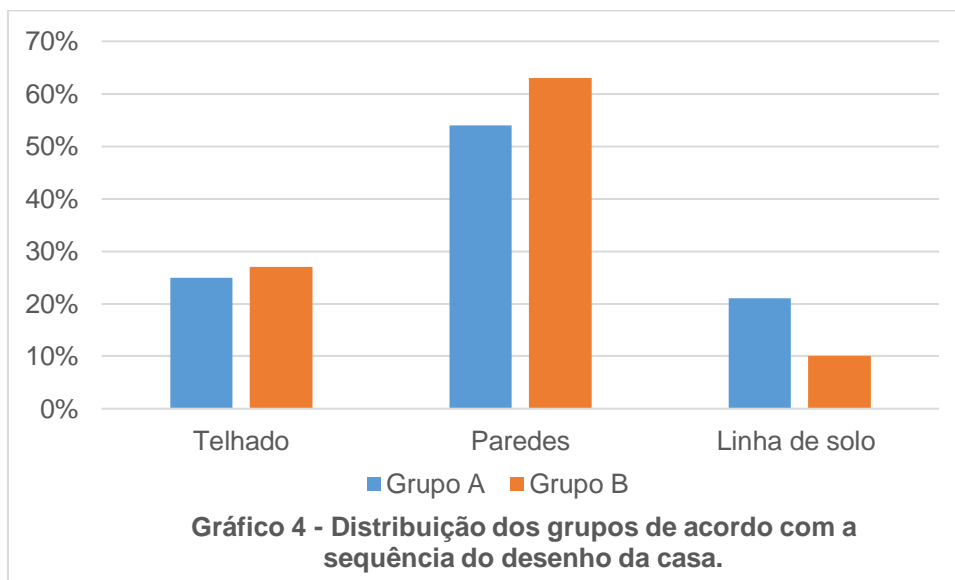
Em Buck (2003), de acordo com a padronização da população americana, há alguns dados sobre detalhes essenciais em cada um dos desenhos solicitados pelo Teste H-T-P. A ausência de algum destes elementos indica um traço da personalidade ou indicador patológico. Embasado nestes apontamentos foram encontradas algumas diferenças na amostra do presente trabalho.

No desenho da casa um dos detalhes essenciais, segundo Buck (2003), é a presença de telhado e chaminé. Na amostra do presente trabalho houve a ausência de telhado em 25% dos desenhos no Grupo A e em 12,2% no Grupo B. Notou-se a ausência de chaminé na maioria dos desenhos de ambos os grupos – sendo 91,7% no Grupo A e 82,9% no Grupo B. Com isso pode-se inferir que a chaminé não seja um elemento essencial nas produções gráficas da população brasileira. É importante ressaltar que a amostra do presente trabalho é pequena para tal comprovação. Sobre o desenho da árvore, Buck (2003) considera a presença de pelo menos um galho como um detalhe essencial. Foi observado na amostra do presente trabalho poucos desenhos com a ausência de galhos – 4,2% no Grupo A e 21% no Grupo B. Desta forma, é possível perceber que a omissão deste detalhe essencial é mais

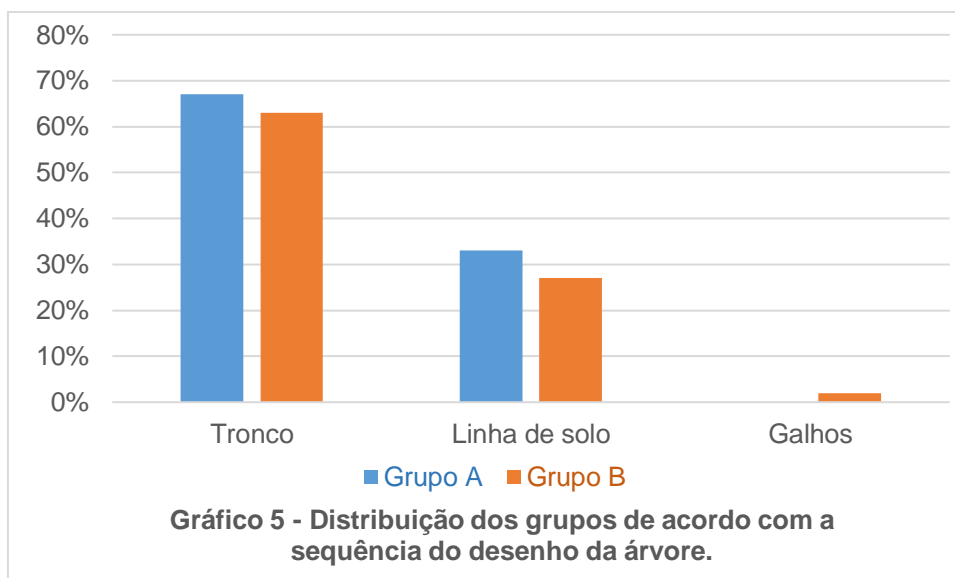
frequente em indivíduos sem habilidade artística, apesar dos números serem pouco expressivo.

Na padronização americana é considerado como detalhes essenciais no desenho da pessoa a presença de dois olhos, um nariz e uma boca (BUCK, 2003). Nota-se em algumas produções gráficas do presente trabalho a ausência destes elementos, mas não são números significativos. Ocorreu a ausência de olhos em 20,8% dos desenhos da pessoa no Grupo A e em 2,4% no Grupo B. Com relação a ausência de nariz, foi observado em 20,8% das produções do Grupo A e em 2,4% do Grupo B. Já a ausência de boca ocorreu apenas no grupo de participantes com habilidades artísticas – 16,7%. Deste modo, é possível perceber que a omissão de detalhes da face foi mais frequente nos desenhos de indivíduos com habilidades artísticas, apesar dos dados não serem tão significativos.

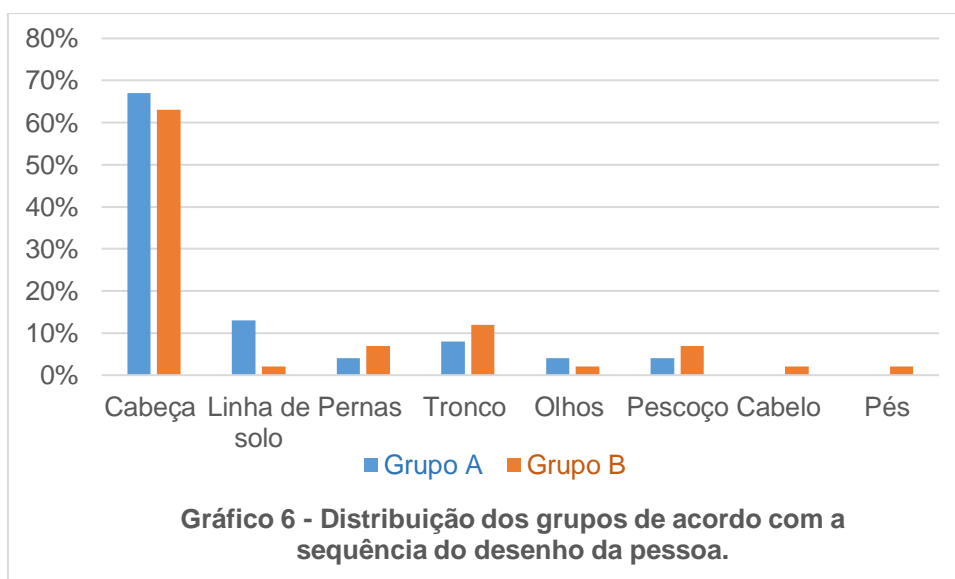
A padronização da população americana feita por Buck (2003) também considera uma sequência comum nas produções gráficas do Teste H-T-P. Segundo ele, o desenho da casa é iniciado pelo telhado ou linha de solo. Na presente amostra encontra-se dados divergentes desta padronização, que estão ilustrados no Gráfico 4. A maioria dos participantes, de ambos os grupos, iniciaram seus desenhos pela representação das paredes – Grupo A 54,2% e 63,4% no Grupo B.



Com relação ao desenho da árvore, Buck (2003) afirma que é mais recorrente na população americana iniciar o desenho pelo tronco ou galhos. Os resultados desta pesquisa, ilustrados no Gráfico 5, corroboram com esta normatização, 66,7% dos participantes com habilidades artísticas e 63,4% dos colaboradores sem habilidades artísticas iniciaram suas produções gráficas pelo tronco.



Já com relação ao desenho da pessoa, segundo a padronização americana é mais frequente o indivíduo iniciar o desenho pela cabeça. Na presente amostra, a maioria dos participantes iniciaram este desenho pela representação da cabeça – sendo 66,7% no Grupo A e 63,4% no Grupo B. O Gráfico 6 apresenta os resultados referentes a sequência do desenho da pessoa de acordo com os referentes grupos.



Assim, foi possível constatar que não houve diferença significativa sobre a sequência das produções entre os grupos. Porém, há divergências em relação a padronização americana, o que pode ser explorado em outros trabalhos, já que ainda não há uma normatização com a população brasileira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se dedicou a compreender como indivíduos com habilidades artísticas realizam os desenhos do Teste H-T-P e como isso interfere na análise do referido

teste. A partir dos resultados expostos anteriormente constatou-se que a maioria dos indicadores com maior porcentagem são iguais entre os grupos. Foi possível perceber que os participantes com habilidades artísticas acrescentam outros recursos e elementos aos desenhos para a expressão de sua personalidade. Porém, não há diferenças significativas quando comparado a produções gráficas dos participantes sem habilidades artísticas, ou seja, não interferindo na análise dos desenhos.

Além disso, é importante ressaltar que este trabalho apresentou uma amostra pequena e com menos indivíduos dotados de habilidades artísticas. Deste modo, é sugerido que outros trabalhos disponham de uma amostra maior. Outro ponto que há a necessidade de ser mais estudado é a padronização do Teste H-T-P para a população brasileira. Apesar deste instrumento ser muito utilizado na avaliação psicológica no Brasil, não há uma normatização para esta população, e foi encontrado no presente trabalho divergências em relação a população americana.

6. REFERÊNCIAS

ANZIEU, Didier. Os métodos projetivos. **Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Campus, 1978.**

BUCK, John N. HTP: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação. **São Paulo: Vetor, 2003.**

HAMMER, Emanuel F. Aplicações clínicas dos desenhos projetivos. **São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.**

SILVA, Maria de Fátima Xavier da; VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de. A auto-estima no CAT-A e HTP: estudo de evidência de validade. **Aval. psicol.**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 205-215, dez. 2006.

Contatos: gomesfreirea@gmail.com e denise.mraz@yahoo.com.br